

SÍRIOS EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO NO BRASIL: HISTÓRIAS DE VIDA E PROCESSOS DE INSERÇÃO SOCIAL

*Syrians in temporary refuge situation in Brazil:
life stories and processes of social insertion*

Gabriela Viol Valle ^a 

Mariana Bonomo ^b 

Julia Alves Brasil ^c 

Resumo. Esta pesquisa objetivou analisar experiências de inserção social de homens sírios em situação de refúgio no Brasil. Os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais realizadas *on-line* e a amostra foi composta por 10 homens sírios em situação de refúgio no Brasil há mais de quatro anos, com idades entre 25 e 43 anos. O tratamento dos dados foi realizado por meio da análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram categorias temáticas que se referem a: (i) *relações interpessoais*, incluindo amizade, relacionamentos amoroso, familiar e com brasileiros, além de elementos sobre como o idioma interfere nessas relações; (ii) *trabalho*, no Brasil e na Síria; (iii) *religião*, com enfoque nos conflitos, nos grupos religiosos e nas (des)crenças dos participantes; e (iv) *preconceitos e estereótipos*, que resultam em discriminações. Discutem-se os processos de inserção social em função das dimensões temáticas centrais ao contexto de vida desses indivíduos em situação de refúgio.

Palavras-chave: inserção social; situação de refúgio; sírios.

Abstract. *This research aimed to analyze the experiences of social insertion of Syrian men in temporary refuge situation in Brazil. Data were collected through individual interviews conducted online and the sample consisted of 10 Syrian men in temporary refuge situation in Brazil for more than four years, aged between 25 and 43. Data processing was carried out through content analysis. The results showed thematic categories that refer to: (i) interpersonal relationships, including friendship, romantic and family relationships, and relations with Brazilians; (ii) work, in Brazil and Syria; (iii) religion, with focus on conflicts, religious groups, and participants' (dis)beliefs; and (iv) prejudice and stereotypes, which result in discrimination. The social insertion processes were discussed according to the thematic dimensions central to the life context of these individuals in refuge situations.*

Keywords: *social insertion; temporary refuge situation; Syrians.*

^a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^b Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil.

^c Universidade do Minho. Braga, Portugal.

Introdução

O processo migratório pode ser definido como a movimentação de pessoas de um lugar para outro (Organização Internacional para as Migrações [OIM], 2019). Esse evento faz parte da história da humanidade e seus impactos podem oferecer contribuições positivas, além de inúmeros desafios, para ambos os locais, tanto para o país de origem como para aquele que acolhe (Castles *et al.*, 2014). As motivações para os deslocamentos podem estar associadas a diferentes fatores (tais como trabalho, estudos, reunião familiar, conflitos naturais e desastres), podendo ser mobilizados de modo voluntário ou forçado (Triandafyllidou *et al.*, 2023).

No que diz respeito à migração na Síria, país focalizado neste trabalho, de acordo com dados do *Global Trends: forced displacement in 2021*, devido à condição de guerra no país, iniciada em 2011, novos deslocamentos continuam acontecendo, mantendo o refúgio sírio como o maior do mundo. Em dados atualizados do ACNUR (2022), o número de sujeitos que se encontram em situação de refúgio que são de origem síria representa 27% da população refugiada mundialmente, sendo esse número composto por 6,8 milhões de sírios refugiados em 129 países. No que concerne ao número de refugiados sírios no Brasil, segundo Silva *et al.* (2021), de 2011 a 2020, houve uma marca de 4.992 solicitações de reconhecimento de refúgio, em que 3.508 eram de homens, 1.416 de mulheres e, ainda, 65 de pessoas não identificadas; o número de solicitações aceitas foi de 3.594.

A guerra na Síria e a consequente situação de refúgio vivenciada pelos sírios nos últimos anos perdura, ocasionando modificações inevitáveis na vida desses sujeitos. Valenta *et al.* (2020) ressaltaram que, mesmo que a guerra chegue ao fim, o repatriamento não é imediato, devido às condições pós-conflito em que se encontrará o país, fazendo com que, em muitas situações, os refugiados estabeleçam suas vidas permanentemente no país de acolhida. Em contrapartida, apesar de o refúgio ser a opção de sobrevivência para muitos desses indivíduos, conforme relatório elaborado pelo *World Bank Group* (2020), reflete-se sobre as condições enfrentadas pelos sírios dentro e fora da Síria e ressalta-se que a garantia da segurança de vida, em muitos casos, vem atrelada a uma diminuição da qualidade de vida daqueles que se deslocam.

Diversos estudos (Galina *et al.*, 2017; Guntars *et al.*, 2023; Jucá *et al.*, 2022; Mattar, Gellatly, 2022; Moreira, 2021), nacional e internacionalmente, também têm sido desenvolvidos com foco no público em situação de refúgio, investigando, sobretudo, acerca da saúde, tanto física quanto mental, dos refugiados e do suporte dado a eles no país de acolhida. Esta parece ser uma questão complexa e necessária ao debate sobre os desafios enfrentados pelas

pessoas em situação de refúgio, tendo em vista as condições vivenciadas por esse público ao passarem pelo processo de deslocamento forçado.

O contexto da situação de refúgio acarreta desafios para aqueles que migram forçadamente. Estudos como os de Gevehr e Bortoli (2022) e de Wendling *et al.* (2020), que realizaram revisões sistemáticas sobre a temática da migração, concluíram que existem dificuldades no processo de inserção social de refugiados e destacaram, dentre elas, questões como trabalho, idioma, diferenças culturais, religião, falta de políticas públicas e aspectos discriminatórios, como a xenofobia e o racismo. Considerando essas adversidades, pode-se entender que o êxito da inserção social desses sujeitos depende diretamente do posicionamento e dos esforços políticos do país de acolhida no qual se encontra a pessoa que se desloca. O *Pacto Global para a Migração*, da Organização das Nações Unidas (ONU)¹, por exemplo, é uma iniciativa que visa garantir ao público migrante o acesso a questões como justiça, saúde, informação e educação, dimensões fundamentais à vida cotidiana das pessoas. No contexto nacional, o Brasil sofreu instabilidade quanto à sua participação neste Pacto Global em função de mudanças realizadas pelo governo federal em 2019, quando o então presidente Jair Bolsonaro decidiu pela retirada do país dessa iniciativa global (Felles, 2019); e agora, em 2023, com a posse do atual presidente, Luís Inácio Lula da Silva, o país voltará ao Pacto Global (Ministério das Relações Exteriores, 2023), decisão que pode interferir diretamente no processo de inserção social de sujeitos em situação de refúgio no Brasil.

Sobre a dimensão do pertencimento social e os desafios de inserção em um novo contexto de vida, Teixeira *et al.* (2020) desenvolveram uma pesquisa com refugiados no Brasil, de diversas nacionalidades, sobre o “porquê é tão difícil pertencer”. Dentre as diversas dificuldades identificadas, os autores destacaram aquelas percebidas no que diz respeito ao ingresso desses sujeitos no mercado de trabalho (como questões de documentação pessoal e de formação profissional para validar no Brasil), discriminação, falta de acesso a um ensino de português de qualidade e obstáculos para acessar outros grupos de pessoas, além daquelas que já são de sua convivência, para divulgar seus trabalhos. Já Pucci e Truzzi (2020), estes pesquisaram sobre trabalho, economia e identidade e levantaram a reflexão de que, para os sírios refugiados, o trabalho está diretamente relacionado com o seu processo de identificação, pois “resgata sua autoconfiança, dignidade e desejo de contribuir para o país que os acolheu” (p. 164). Tendo um significado central na vida dos sujeitos em situação de refúgio no Brasil, o trabalho tem sido foco de estudos nessa área, como a pesquisa de Menezes (2020), que investigou sobre a questão trabalhista de refugiados sírios no Brasil e identificou a ausência

¹ O documento original pode ser acessado na íntegra em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/generalassembly/docs/globalcompact/A_RES_73_195.pdf>.

de políticas públicas no país para essa população; questão também evidenciada por Triandafyllidou *et al.* (2021), os quais destacaram que o aspecto agentivo dos migrantes em busca de trabalho pode resultar em uma melhor relação desses sujeitos com o novo meio em que estão inseridos.

Ainda em relação às problemáticas vivenciadas por sujeitos em situação de refúgio, Milesi e Andrade (2015) chamam a atenção para o fato de que, para assegurar os seus direitos básicos, é indispensável que as suas necessidades imediatas sejam atendidas, dentre elas, o aprendizado do idioma, e, conseqüentemente, da cultura, que interfere em outras dimensões da vida. Como ressaltou Vetrano (2015), o não conhecimento da língua pode restringir oportunidades de inserção no mercado de trabalho, fazendo com que esses indivíduos fiquem à margem da sociedade. Além da questão do trabalho, o idioma também interfere nas suas relações sociais, que são importantes nos seus processos de inserção (Garcia, Costa 2014; Guerra, 2017).

Acerca das relações interpessoais entre os brasileiros e sírios que se refugiam no Brasil, de acordo com Pucci (2019), a ambigüidade no tratamento dos nativos com os sírios refugiados é um ponto a ser destacado. Segundo o autor, os sírios relataram duas faces da relação com os brasileiros: a hospitalidade e a discriminação. Ribeiro e Baeninger (2022) também destacam que a hospitalidade e a hostilidade com esse público ocorrem sequencialmente, uma vez que, ao ato da primeira (a hospitalidade), tem-se como resposta a segunda (a hostilidade), pois o migrante é visto como estranho e como uma ameaça. Assim, apesar de terem certo acolhimento, o preconceito com as práticas culturais e com a religião adotadas por muitos sírios resulta em posturas intolerantes para com esse grupo. Pucci (2019) menciona, ainda, que a religião e os hábitos religiosos foram apontados como motivação para a exclusão também no cenário laboral. Em pesquisa realizada por Pieri e Fischer (2022), os autores tratam das percepções dos brasileiros em relação aos refugiados e de sua inserção em centros urbanos, identificando nos resultados ausência de acolhimento a esse público e presença de processos de estigmatização.

Os indivíduos migrantes, por estarem inseridos em contextos ainda desconhecidos ou com relação aos quais ainda estejam menos familiarizados, conseqüentemente, encontram-se em contato com novos e diferentes grupos e culturas. Neste novo cenário de relações sociais, os indivíduos podem vivenciar processos de comparação social (Festinger, 1954; Tajfel, 1982), por meio de comparações entre endogrupos (grupos dos quais faz parte) e exogrupos (outros grupos de relação). Tais comparações podem resultar em conflitos e negociações no campo tanto das práticas sociais quanto dos significados mobilizados nestas interações, além de contribuir na construção identitária desses sujeitos. Assim, o processo de inserção social envolve diversas questões, que incluem desafios

e dificuldades em diversos âmbitos, bem como o exercício identitário frente a novos contextos de comparação social.

Diante das questões destacadas, analisar as histórias de vida de sujeitos sírios em situação de refúgio no Brasil mostra-se de grande relevância, tendo em vista que histórias de vida podem promover o empoderamento dos migrantes em geral (Abadia *et al.*, 2018), e em particular daqueles que migraram de modo involuntário, como é o caso dos participantes deste estudo. Além disso, considerando que, apesar das suas contribuições tanto para o país de origem quanto para o país de acolhida (Castles *et al.*, 2014), os migrantes (que se deslocaram de forma voluntária ou involuntária) são frequentemente discriminados (Esses, 2021), escutar suas narrativas se faz importante, ainda, para pensar novas formas de relações sociais, reconhecendo a urgência do acolhimento desse público, tanto no aspecto sócio-interacional quanto no setor trabalhista. Por isso, o objetivo desta pesquisa foi analisar as vivências e experiências de inserção social de homens sírios em situação de refúgio no Brasil.

Método

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de dissertação de mestrado em Psicologia, cuja proposta consistiu em investigar as práticas sociais de masculinidades entre homens sírios em situação de refúgio no Brasil. No presente artigo são apresentados apenas os resultados referentes às suas histórias de vida e aos seus processos de inserção social.

Participantes

Participaram do estudo 10 homens sírios em situação de refúgio no Brasil, cuja idade variou entre 25 e 43 anos. Todos vivem no Brasil há, pelo menos, quatro anos. Conforme a Tabela 1, que sintetiza as informações dos entrevistados, vê-se que, no que diz respeito ao nível de escolaridade, o grupo está dividido entre homens que têm o ensino médio completo como maior nível, enquanto outros têm o superior incompleto e, ainda, outros que têm o superior completo. Em relação ao trabalho atual, a maioria dos participantes atua no ramo gastronômico e outros em sua área de formação, como os trabalhos de engenharia e de assistência técnica, ou em áreas que se inseriram ao chegar ao Brasil, como os que são modelo e guia turístico ou motorista de aplicativo. No que se refere ao estado civil, metade declara ser casado e, a outra metade, solteiro, sendo a maioria de religião muçulmana, dos quais um disse ser tanto muçulmano quanto cristão, outro ter essa religião, mas não acreditar e/ou seguir e, ainda, outro que mencionou ser cristão.

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica dos participantes

Participante	Idade	Escolaridade	Trabalho atual	Tempo no Brasil	Estado Civil	Religião
Entrevistado 1	32	Ensino superior incompleto (Direito)	Vendedor de salgados	8 anos	Casado	Muçulmano
Entrevistado 2	33	Ensino superior completo (Engenharia)	Em empresa, como engenheiro	8 anos	Casado	Muçulmano
Entrevistado 3	42	Ensino superior completo (Eletrônica)	Vendedor de salgados e assistência técnica	9 anos	Casado	Muçulmano
Entrevistado 4	25	Ensino superior incompleto (Letras)	Empresário e Chefe de cozinha	7 anos	Casado	Muçulmano
Entrevistado 5	43	Ensino superior completo (Engenharia)	Vendedor de salgados	7 anos	Casado	Muçulmano
Entrevistado 6	30	Ensino superior incompleto (Direito)	Vendedor de salgados e motorista de aplicativo	5 anos	Solteiro	Não tem
Entrevistado 7	32	Ensino superior completo (Letras/Inglês)	Modelo, professor e guia de turismo	4+ anos	Solteiro	Cristão e Muçulmano
Entrevistado 8	27	Ensino médio completo	Chefe de cozinha	8 anos	Solteiro	Muçulmano
Entrevistado 9	42	Ensino médio completo	Vendedor de salgados	4+ anos	Solteiro	Cristão
Entrevistado 10	27	Ensino superior incompleto (Educação Física)	Vendedor de salgados	4 anos e 6 meses	Solteiro	Muçulmano

Fonte: autoras da presente pesquisa, 2023.

Instrumento e procedimentos de coleta dos dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista individual, no formato *on-line*, pelas plataformas *Google Meet* e *Zoom*, devido ao contexto pandêmico em que foi realizada. As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro semiestruturado, que permitiu um desenho de pesquisa mais flexível, a fim de responder ao objetivo de estudo (Rubin, Rubin, 1995). Em linhas gerais, o roteiro era composto pelos seguintes conjuntos temáticos: histórias de vida, inserção social, representações e práticas de masculinidades e dados sociodemográficos. Conforme mencionado anteriormente, para fins deste artigo, foram considerados os conjuntos temáticos referentes às histórias de vida e à inserção social.

Tratamento dos dados

Para o tratamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo (Bardin, 2000), por meio da qual sistematizou-se os conteúdos das entrevistas a partir do processo de categorização, que no caso deste trabalho, consistiu na categorização temática. Portanto, seguiu-se as etapas propostas por Bardin (2000), sendo elas: (i) pré-análise; (ii) exploração do material e codificação; e (iii) tratamento dos resultados.

Resultados

Nesta seção, são abordadas vivências dos entrevistados no que diz respeito aos seus processos de inserção social no Brasil. No primeiro momento, apresenta-se, para contextualizar, uma síntese das narrativas sobre a trajetória de vida dos participantes, conforme Tabela 2; em seguida, tem-se as categorias temáticas identificadas nas entrevistas sobre suas experiências de inserção como sujeitos sírios em situação de refúgio no Brasil (ver Tabela 3).

A partir dos resultados apresentados nas Tabelas 2 e 3, é possível observar que as experiências de deslocamento forçado dos participantes se deram, principalmente, devido à guerra na Síria, embora as saídas do país tenham ocorrido em momentos diferentes. Os entrevistados mencionaram, também, a receptividade positiva dos brasileiros, mas destacaram dificuldades em relação a interações, ao trabalho e ao idioma. As oportunidades de trabalho mostraram-se mais acessíveis no âmbito gastronômico, tendo a maioria dos participantes envolvimento com esse tipo de atuação laboral.

Tabela 2 - Síntese das narrativas sobre a trajetória de vida dos participantes

	Síntese das narrativas
Entrevistado 1	Entrevistado 1 chegou ao Brasil em 2015, no Rio de Janeiro, onde viveu por cinco anos. Atualmente, mora em São Paulo. Hoje, tem 33 anos, trabalha na sua área de formação (engenharia) e é casado. O sírio se considera patriota e diz valorizar os costumes do seu país, o que justifica o fato de sua esposa ser síria, pois, segundo ele, <i>“tem medo de que suas crianças percam a sua cultura e sua religião”</i> .
Entrevistado 2	O Entrevistado 2 tem 42 anos e já vive no Brasil há nove anos. Formado no seu país em Engenharia Eletrônica, conta que teve dificuldade para conseguir se inserir no mercado de trabalho em sua área, tendo atuado só no ramo gastronômico, por muito tempo. Ele é casado com uma brasileira e disse que <i>“ainda”</i> não tem filhos e é de religião muçulmana. Sobre o seu deslocamento, disse que vir para o Brasil foi <i>“uma escolha forçada”</i> , mas que depois se tornou uma <i>“escolha boa”</i> .
Entrevistado 3	Aos 18 anos, com idade para ir para o exército, o Entrevistado 3 e a sua família decidiram deixar a Síria para viver no Líbano, onde viveu por um ano e meio antes de seguir para o Brasil. Relatou que sente muita falta do seu país, que deixou tudo lá, mas alega que <i>“Se eu agora voltar, eles vão me matar com certeza”</i> . Por ter saído muito novo da Síria, o Entrevistado 3 não chegou a entrar na faculdade. De acordo com o entrevistado, a língua portuguesa foi, e ainda é, um motivo de insegurança e dificuldade para sua inserção no país.

Entrevistado 4	O Entrevistado 4 chegou ao Brasil em 2016 e disse que sua vinda foi por “ <i>não ter outra opção</i> ”. Hoje com 25 anos, o sírio é de religião muçulmana e é casado com uma brasileira, que se converteu para sua religião. Chegou a iniciar a faculdade de Letras, mas teve que interromper seus estudos para sair do seu país. Ele refletiu que sua vida seguiu um rumo bem diferente do que planejava. Atualmente, trabalha como chefe de cozinha e empresário neste ramo.
Entrevistado 5	O Entrevistado 5 tem 43 anos, é casado e pai de três filhos. Segue a religião muçulmana e tem formação em Engenharia. Vivendo no Brasil há seis anos, o entrevistado contou que, hoje, sua vida está melhor e que sair do seu país, e do contexto de guerra, trouxe esperanças. Apesar disso, relatou que passou por momentos difíceis, em que ficou desacreditado. Atualmente, tem sua carrocinha de salgados e trabalha vendendo comida na rua. Segundo ele, estar nesse ambiente, proporciona contato com outros brasileiros e ele se sente acolhido.
Entrevistado 6	Hoje com 30 anos de idade, o Entrevistado 6 deixou o seu país em 2018 e já vive há cinco anos no Brasil. Ele conta que sua vinda para o Brasil foi difícil, pois estava na fronteira para deixar a Síria no mesmo dia que marcava a data limite para comparecer ao chamado do exército. Além disso, relatou, também, que teve dificuldade em relação à oportunidade de emprego ao chegar no país, pois não sabia falar a língua e não tinha quem o ajudasse com informações. Atualmente, trabalha como motorista de aplicativo, mas conta que já ficou sem trabalho e doente por causa disso. Em relação à religião, diz que “ <i>acredita em Deus, mas não acredita em religião</i> ”.
Entrevistado 7	O Entrevistado 7 tem 32 anos, já vive no Brasil há oito anos, é solteiro e diz ser “ <i>uma mistura de duas religiões pacíficas</i> ”, pois o pai é muçulmano e a mãe, católica. Por conta da idade, também já estava sendo convocado pelo exército do seu país, mas disse que não queria lutar contra os terroristas. Ele conta que foi muito bem recebido pelos brasileiros, “ <i>como um membro da família carioca</i> ”. Professor de formação, atua nessa área dando aulas particulares de Inglês, mas trabalha também como modelo e guia turístico.
Entrevistado 8	O Entrevistado 8 vive no Brasil há oito anos, tem 32 anos, é muçulmano e casado há um ano e meio com sua esposa. Ele destacou as diferenças culturais entre o Brasil e a Síria e disse que “ <i>mas eu tô tentando entrar nessa cultura aqui</i> ”. Além da esposa, tem parte de sua família aqui no Brasil, pois veio com o pai e com um irmão. Tendo seus estudos de Direito interrompidos na Síria, hoje, trabalha no ramo gastronômico, como chefe de cozinha no Brasil.
Entrevistado 9	O Entrevistado 9 tem 32 anos, é solteiro e de religião cristã. Contou que tinha vontade de deixar o seu país antes mesmo de iniciar a guerra, pois, como cristão, no seu país, “ <i>tinha um sonho na cabeça e esse sonho se chamava visto</i> ”. Para explicar, ele afirmou que as oportunidades são sempre para os muçulmanos. Conta que já trabalhou em diversas áreas ainda no seu país: em um hotel, no porto e agência de carros. No Brasil, começou trabalhando em uma fábrica de salgados e, atualmente, tem sua própria carroça de vendas, também de salgados. Ele explicou que tem pouca interação com outras pessoas no país, por falta de tempo, e que é “ <i>só de casa pra carroça, da carroça pra casa</i> ”.
Entrevistado 10	No Brasil há quatro anos e seis meses, o Entrevistado 10 tem 27 anos, diz não acreditar em religião “ <i>nem no islã e nem em outra</i> ” e trabalha vendendo salgados. Ele conta que estudou Educação Física e que não conseguiu terminar por um semestre, já que teve que deixar seu país por causa da guerra naquele momento, mas que tem vontade, se tiver oportunidade, de voltar a estudar na mesma área. Sobre o relacionamento com outras pessoas no Brasil, relata que não tem muitos amigos, pois trabalha muito e que é difícil.

Fonte: autoras da presente pesquisa, 2023.

As experiências dos entrevistados foram organizadas em quatro unidades temáticas, assim intituladas: *Relações Interpessoais, Trabalho, Religião, e Preconceitos e Estereótipos* (ver Tabela 3). Para cada uma dessas unidades temáticas, são apresentadas as categorias que as compuseram, bem como a sua descrição e incluídos os números de identificação dos participantes que trataram dessas categorias temáticas em suas entrevistas.

Quanto às relações interpessoais, na categoria *amizade*, os participantes abordaram questões como diferenças, proximidade e limites para contato, confiança e solidão. O Entrevistado 10 compartilhou que *“tem amigos, mas muito poucos”*. De acordo com ele, as diferenças não afetam a possibilidade de fazer amizade: *“nunca foi um problema fazer amizade com uma pessoa que não pensa igual a mim”*. Já o Entrevistado 6 destacou a dificuldade de fazer amizades no Brasil por trabalhar na rua. Segundo ele, existe discriminação com esse grupo de pessoas: *“Por isso também é uma dificuldade fazer amizade, porque ninguém aceita, na minha opinião, fazer uma amizade com alguém que trabalha na rua. Ele tem razão, eu entendo isso”*.

Na categoria *relacionamento amoroso*, os participantes compararam esse tipo de relacionamento na Síria e no Brasil. Dentro desse recorte, foram destacados aspectos referentes a: estabilidade financeira, religiosidade, namoro na Síria e diferenças culturais. O Entrevistado 3 mencionou a importância da estabilidade financeira para um relacionamento amoroso: *“Eu preciso casar, mas não vou casar como estou agora. Eu preciso ter o meu trabalho, não trabalhar para outra pessoa. Eu não estou sempre na mesma cidade, no mesmo trabalho”*. O Entrevistado 9, que é cristão, destacou a influência da religião e disse que tem vergonha de estar socialmente com uma mulher que *“não é dele”*. E sobre os costumes culturais, o Entrevistado 7 abordou o respeito necessário acerca dos costumes culturais, pois, segundo ele, *“cada país tem uma cultura diferente. Se quiser ter um relacionamento com uma pessoa estrangeira você tem que respeitar as tradições dele”*.

No que diz respeito à categoria *relacionamento familiar*, os conteúdos encontrados foram sobre a influência da família, o contato e as diferenças culturais nesse tipo de relação comparando Brasil e Síria. De acordo com os participantes, a família influencia no contexto de casamento, como explicou o Entrevistado 2: *“se essa família não me conhece bem e eu fui e entrei nessa família, eles vão me pedir casa em nome dela, ouro em nome dela, dinheiro em nome dela”*. Em relação ao contato com a família, o Entrevistado 6 disse que a distância da família é uma dificuldade para ele e revelou: *“chorei quando saí de casa, porque... (risos) porque acho que eu sabia que não ia ver eles de novo”*. Para o Entrevistado 8, a forma como são construídos os relacionamentos familiares na Síria e no Brasil é diferente, porque *“lá o relacionamento é mais importante do que aqui. Lá é bem forte essa questão do relacionamento, com a família por exemplo, estão sempre juntos. Não vi isso aqui não”*.

A categoria *relação com os brasileiros* trouxe conteúdos que tratam da receptividade desse povo com os participantes e de sua importância para eles. O Entrevistado 5 contou que essa relação lhe dá esperança: *“A minha vida mudou pra melhor, porque a guerra estava me deixando muito triste longe dos meus filhos, mas o tratamento bom das pessoas do Brasil me dá esperança na vida”*. Do mesmo modo, o Entrevistado 7 compartilhou: *“Quando eu cheguei ao Brasil, eu nunca me*

sentí como refugiado. Eu fui recebido como um membro da família carioca, eu fui acolhido pelo povo brasileiro”.

Tabela 3 - Experiências de inserção social no Brasil

Unidades temáticas	Categorias	Descrição da categoria	Participante
Relações interpessoais	Amizade	Aborda as interações no plano das amizades.	Entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.
	Relacionamento amoroso	Conteúdos referentes à visão dos participantes sobre a temática de relacionamento amoroso, tanto de modo geral quanto na Síria ou comparando Brasil e Síria.	Entrevistados 2, 3, 6, 7, 8, 9 e 10.
	Relacionamento Familiar	Aborda a temática da família, incluindo a influência da família, contato com a família e diferenças culturais.	Entrevistados 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8 e 9.
	Relação com os brasileiros	Interação entre os sírios e os brasileiros, a partir da avaliação sobre receptividade, bem como a valorização da relação com os brasileiros.	Entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8.
	Idioma português nas interações	Experiências no que diz respeito ao uso da língua portuguesa nas interações estabelecidas.	Entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.
Trabalho	Trabalho no Brasil	Questões relacionadas ao âmbito laboral no Brasil.	Entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.
	Trabalho na Síria	Conteúdos que demonstram os tipos de trabalho experienciados pelos participantes no seu país de origem.	Entrevistados 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.
Religião	Conflito religioso	Desavenças existentes no país de origem e entre as pessoas sírias em função da religião.	Entrevistados 1, 2, 3, 4, 6, 7 e 10.
	Grupos religiosos	Conteúdos que abordam as religiões islâmica e cristã.	Entrevistados 1, 2, 3, 6, 9 e 10.
	Crenças e descrenças religiosas	Crenças dos participantes, incluindo a descrição de algumas de suas práticas religiosas e a visão daqueles que não seguem e/ou não acreditam na religião.	Entrevistados 1, 3, 4, 6, 7, 8 e 10.
Preconceitos e estereótipos	Generalização do povo/cultura síria	Contextos e situações que generalizam algum aspecto do povo ou cultura síria.	Entrevistados 1, 3, 4, 6, 7 e 10.
	Discriminação com o povo/cultura síria	Relatos sobre discriminações sofridas no Brasil por causa da nacionalidade.	Entrevistados 1, 2, 3, 4, 7 e 10.

Fonte: autoras da presente pesquisa, 2023.

O uso do *idioma português* também foi identificado como importante recurso para as relações sociais. Os participantes falaram de suas experiências no âmbito interacional e de como o idioma interfere nesse contexto, sendo unânime a dificuldade com a língua. O Entrevistado 6 disse: *“A maior dificuldade quando eu cheguei foi a língua portuguesa. Mas na sociedade como homem não. A maior dificuldade foi a língua e o trabalho também. Não tem outra coisa”*. Também o Entrevistado 3 abordou essa questão: *“meus amigos vão sair na rua, mas eu tenho*

vergonha de sair na rua porque eu não sei falar português. O brasileiro nunca falou 'você não sabe', eles riem quando eles me escutam falar em português".

Com relação ao *trabalho*, segunda unidade temática identificada, os participantes falaram sobre diferentes vivências, tendo alguns já trabalhado na Síria em sua área de formação (antes de mudarem para o Brasil), enquanto outros trabalhavam em empregos fora da área e alguns, ainda, trabalhavam e estudavam ao mesmo tempo. O Entrevistado 5 comentou que sua situação financeira era bem diferente na Síria: *"Na verdade, eu tinha muito dinheiro. Tinha um mercadinho, tinha uma banca de jornal, pra tirar xerox. Eu trabalhava como comerciante e eu também sou profissional de treinar na academia"*. Já quanto ao aspecto do *trabalho no Brasil*, todos os participantes relataram ter tido experiências e oportunidades no ramo gastronômico, mas ressaltaram as dificuldades de acesso a outros tipos de trabalho. O Entrevistado 6 disse que *"naquela época, se eu soubesse que poderia trabalhar com entrega, com certeza eu ia trabalhar, com certeza ou como uber, eu posso tirar uma carteira de motorista aqui, com certeza. Mas foi muito difícil porque ninguém deu esse conselho pra mim. Nem sírio e nem brasileiro"*.

Na terceira unidade temática, relativa à religião, sobre o *conflito religioso*, os participantes comentaram que a religião gera diversidade na forma de se pensar o mundo e, conseqüentemente, pode causar conflitos, quando as diferenças se encontram. Nas palavras do Entrevistado 6: *"a religião é o maior problema agora. E eu vi também agora várias pessoas religiosas também têm pensamentos diferentes"*. Assim como comenta o Entrevistado 10 que *"as relações boas caiu. Tudo por causa da guerra, porque a guerra foi, infelizmente, no começo foi guerra de religião"*.

Os *grupos religiosos* citados nas entrevistas foram o islamismo e o cristianismo. O Entrevistado 9, que é cristão, ressaltou que havia dificuldades de seguir essa religião, pois *"como cristão é difícil de morar em comunidades porque a maioria são muçulmanas"*. Já sobre o islamismo, o Entrevistado 3 destacou seu orgulho de fazer parte desse grupo religioso: *"Eu não tô triste ou nervoso porque eu sou muçulmano, eu me orgulho da minha religião, eu gosto muito de fazer oração, fazer jejum, a gente faz jejum todo ano, então não acho diferente"*. Apesar dessas declarações, na categoria *crenças e descrenças religiosas*, dois participantes revelaram que não acreditam/não seguem nenhuma religião. Assim, o Entrevistado 10 explicou: *"Tipo, de ter eu tenho. Minha religião é islã, mas eu não acredito, não. Mas vocês, eu acho que já ouvi falar que quando não acredita não tem religião, né? Então, não tenho religião"*; enquanto o Entrevistado 3 declarou a sua crença no islamismo: *"Quando dá a hora da oração, o homem de verdade deixa tudo que ele tá falando e vai fazer a oração. Isso no alcorão chama homem"*.

Finalizando os conteúdos que versam sobre a inserção social dos entrevistados, tem-se a unidade temática referente a *preconceitos e estereótipos*. As categorias *generalização do povo/cultura síria* e *discriminação com o povo/*

cultura síria expressam os preconceitos sofridos pelo grupo vivendo no Brasil. Em relação à primeira categoria, o Entrevistado 3 mencionou a ideia generalizada sobre os sírios como homem-bomba. Segundo ele: “Quando eu cheguei no Brasil, as pessoas brincavam comigo, elas falavam ‘homem-bomba’, por exemplo. Elas não sabem que eu não sou isso, eu sou homem que fugiu da bomba”. Do mesmo modo, o Entrevistado 4 disse que “as pessoas pensam mal dos muçulmanos, porque nunca tiveram contato com ou sabem só as coisas que aparecem na TV, que o muçulmano explode”. Esse tipo de interpretação pode promover vivências discriminatórias para com o povo/cultura síria. O Entrevistado 10 contou que a discriminação, por vezes, vem marcada pela própria adjetivação da palavra sírio: “se um sírio que fez isso, não vão falar que foi uma pessoa que fez isso, vão falar ‘sírio. E o Entrevistado 3 expressa, ainda: “Eu, às vezes, não gosto, fico com raiva, mas eu explico pra pessoa que isso não é brincadeira e que isso pode machucar as pessoas. Eu falo, nem todo mundo lá é homem-bomba de verdade”.

Discussão

Com o objetivo de analisar os processos de inserção social dos sujeitos sírios em situação de refúgio no Brasil que participaram deste estudo, partiu-se de quatro dimensões centrais, relativas às interações sociais estabelecidas no âmbito das suas relações interpessoais, às suas experiências sobre o mundo do trabalho, à força da religião e seus dilemas para as suas vidas, e ao enfrentamento das discriminações por eles sofridas, especialmente no que se refere aos estereótipos propagados sobre os sírios em geral.

Ao discorrerem acerca de suas *relações interpessoais*, os entrevistados destacaram a temática da *amizade*, a qual, conforme discutem Garcia e Costa (2014), se configura como um fator importante no processo de adaptação de migrantes no país de acolhida. No caso dos participantes do presente estudo, foi destacada a solidão como um desafio para a formação de redes de interação. Além disso, considerando que os entrevistados apontaram para diferenças no modo como se configura o *relacionamento amoroso* na Síria e no Brasil e que os *relacionamentos familiares* são mantidos à distância por causa do contexto de guerra, as amizades são os primeiros relacionamentos desenvolvidos no Brasil por esses indivíduos. Esta relação auxilia na sua inserção e faz com que eles não se sintam estranhos e rejeitados (Guerra, 2017). Apesar disso, de modo geral, os participantes expressaram em seus relatos a importância da relação familiar e demonstraram sentir falta dessas relações, as quais são valorizadas em suas narrativas. De forma unânime, os participantes declararam, ainda, que mantêm contato via internet com seus parentes.

Em contrapartida, ainda que os resultados das entrevistas realizadas apresentem conteúdos que confirmam uma boa *receptividade dos brasileiros* com os entrevistados, os participantes mencionaram, também, situações de

discriminação por eles vividas, desde que chegaram ao Brasil. Essa situação confirma o que discute Pucci (2019) sobre a ambiguidade do tratamento dos brasileiros em relação a esse grupo. Concepções *preconceituosas* e *estereotipadas* sobre o povo e/ou a cultura síria que circulam nas mídias, por exemplo, com ideias negativas pré-concebidas acerca da *religião* islâmica, podem fomentar situações discriminatórias, resultando em islamofobia (Heleno, Reinhardt, 2019), como a associação do segmento sírio islã à ideia de “homem bomba”, relatada nos resultados do presente estudo.

O *idioma* mostrou-se um elemento central nas vivências dos entrevistados, pois interfere nas suas relações interpessoais e, conseqüentemente, em outros aspectos como o trabalho. O idioma é uma necessidade imediata desses indivíduos, posto que precisam ter conhecimento da língua para se comunicar e viver no país de acolhida. Como argumentam Milesi e Andrade (2015), o conhecimento do português garante que os direitos desses sujeitos sejam assegurados. Para acessar os direitos relacionados à saúde mental e física, por exemplo, que são uma necessidade, como mostram diversos estudos (Galina *et al.*, 2017; Guntars *et al.*, 2023; Jucá *et al.*, 2022; Mattar, Gellatly, 2022; Moreira, 2021), é preciso ter conhecimento do idioma.

Do mesmo modo, o *trabalho* é uma questão fundamental nas experiências dos participantes. Todavia, mostrou-se um fator complexo e de grande dificuldade para eles enquanto indivíduos em situação de refúgio. Os resultados apresentaram, assim como destacado na pesquisa de Teixeira *et al.* (2020), conteúdos que revelam problemas no âmbito laboral atrelados à dificuldade de acesso ao idioma, à discriminação, à dificuldade para trabalhar na área de formação e/ou de validá-la e ao acesso restrito de conhecimento apenas da própria comunidade da qual fazem parte, como o acesso a oportunidades limitado ao ramo gastronômico pela maioria dos participantes. Os resultados também revelaram a frustração de alguns entrevistados devido à falta de perspectiva e êxito no alcance de empregos, o que pode influenciar nos seus processos de inserção social, pois, como explicam Pucci e Truzzi (2020), estar inserido no mercado de trabalho auxilia nos sentimentos de autoconfiança e dignidade; do contrário, pode ter resultados negativos, como a desesperança, presente em algumas das falas dos participantes, além de problemas de saúde. Desse modo, o contexto trabalhista experienciado por esses sujeitos que precisaram sair de modo forçado de seus países para se instalarem em outro, como é o caso dos entrevistados neste estudo, mostra-se desafiador. Como descreveu o relatório do *World Bank Group* (2020), o deslocamento, que ocorre devido à busca por segurança e preservação da vida desses indivíduos, pode ocasionar também diminuição da sua qualidade de vida, ao envolver transições relativas a diferentes âmbitos de suas vidas, como o trabalho.

Dado o cenário de guerra ainda vigente na Síria, como explicam Valenta *et al.* (2020), o repatriamento é uma condição complexa, o que faz com que muitos

sírios permaneçam no país de acolhida. Desse modo, torna-se essencial que os processos de adaptação e inserção desses sujeitos aconteçam de forma efetiva, dando-lhes acesso aos direitos e acolhendo-os de modo que não se sintam marginalizados e que possam (re)construir estratégias para superar as dificuldades encontradas nesses processos, como em questões relativas ao trabalho, ao idioma, às diferenças culturais, às políticas públicas e à discriminação, conforme observado nos resultados desta pesquisa, corroborando resultados de estudos anteriores, como os de Gevehr e Bortoli (2022) e de Wendling *et al.* (2020).

Considerações finais

Este estudo buscou analisar as vivências e experiências de inserção social de 10 homens sírios em situação de refúgio no Brasil. Primeiramente, foi feito o resgate de informações sobre os contextos e histórias de vida dos participantes e, em seguida, analisou-se as vivências dos entrevistados com foco nas questões relacionadas às suas inserções sociais no Brasil.

Ao observar os resultados referentes às histórias de vida dos participantes, nota-se que existem pontos semelhantes em suas vivências. Dentre eles, a razão pela qual os entrevistados precisaram se refugiar no Brasil, ou seja, o contexto de guerra na Síria, que, em alguns casos, já impossibilitava a manutenção da vida no território local. Outros aspectos em comum em suas narrativas foram as dificuldades que envolvem o contexto laboral, a comunicação em outro idioma e a (re)construção da vida em outra cultura. Assim, as temáticas relativas ao trabalho, à religião, às relações interpessoais e às discriminações sofridas foram centrais nas narrativas analisadas.

No que concerne às limitações deste estudo, pode-se destacar os seguintes pontos: a impossibilidade de acessar de forma mais ampla outras vivências de mesmo contexto que os participantes; o não conhecimento, por parte das pesquisadoras, da língua nativa dos participantes, sendo usado, na entrevista, o português, o que impossibilitou, em alguns momentos, que elas conseguissem se expressar e compreender com maior profundidade os significados trazidos pelos participantes; e os percalços para conseguir acessar e obter o aceite dos participantes para a pesquisa, visto que as temáticas abordadas nas entrevistas poderiam ser mais sensíveis e/ou causar desconforto para alguns indivíduos.

A guerra na Síria ainda não chegou ao fim, o que significa que seu povo ainda está deixando seu país devido às condições precárias em que muitos se encontram. Em consequência disso, os processos migratórios de sujeitos sírios são recorrentes no mundo. Desse modo, pensar em suas experiências e vivências no meio social do país de acolhida, como o Brasil, mostra-se fundamental, tendo em vista que algumas diferenças culturais (tais como o idioma, os costumes e os hábitos cotidianos) podem dificultar os processos de inserção desses indivíduos, conforme

pontuam Pucci (2019), Ribeiro e Baeninger (2022) e Vetrano (2015). Apesar de se mostrar um tema em evidência, novas pesquisas nesse contexto envolvendo a colaboração de diferentes áreas de conhecimento podem gerar importantes reflexões e resultados que sejam instrumentalizadores ao desenvolvimento de estratégias para o efetivo acolhimento e promoção de qualidade de vida para pessoas em situação de refúgio.

Referências bibliográficas

- ABADIA, Lília; CABECINHAS, Rosa; MACEDO, Isabel; CUNHA, Luís. Interwoven Migration Narratives: Identity and Social Representations in the Lusophone World. *Identities Global Studies in Culture and Power*, v. 25, n. 3, p. 339-357, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/1070289X.2016.1244062>>. Acesso em: 20.04.2023.
- ACNUR. *Global trends: forced displacement in 2021*. 2022. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/62a9d1494/global-trends-report-2021>>. Acesso em: 02.02.2023
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Editora Edições 70, 2000.
- CASTLES, Stephen; HAAS, Hein de; MILER, Mark. *The age of migration: International population movements in the modern world*. United States: Palgrave Macmillan, 2014.
- ESSES, Victória. Prejudice and discrimination toward immigrants. *Annual Review of Psychology*, v. 72, p. 503-531, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1146/annurev-psych-080520-102803>>. Acesso em: 05.03.2023.
- FELLES, João. Em comunicado a diplomatas, governo Bolsonaro confirma saída de pacto de migração da ONU. *BBC*, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802258>>. Acesso em: 02.02.2023.
- FESTINGER, Leon. A theory of social comparison processes. *Human Relations*, v. 7, n. 2, p. 117-140, 1954. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/001872675400700202>>. Acesso em: 02.02.2023.
- GALINA, Vivian; SILVA, Tatiane; HAYDU, Marcelo; MARTIN, Denise. Literature review on qualitative studies regarding the mental health of refugees. *Interface (Botucatu)*, v. 21, n. 61, 2017, p. 297-308. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/bYJGXPkXXnjwvMtxcBX8MXP/?lang=en>>. Acesso em: 20.01.2023.
- GARCIA, Agnaldo; COSTA, Lorena. Amizade e Migração Internacional: O Caso de Gregos no Espírito Santo. *Interação em Psicologia (Online)*, v. 18, n. 3, p. 297-308, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v18i3.29254>>. Acesso em: 02.02.2023.
- GEVEHR, Luciano; BORTOLI, Gabriel. Migrações contemporâneas e estudos culturais: uma revisão da literatura científica. In: GEVEHR, Luciano (org.). *Raça, Etnia e Gênero: questões do tempo presente*. São Paulo: Editora Científica, 2022, p. 56-73.
- GUERRA, Sidney. A nova lei de migração no Brasil: avanços e melhorias no campo dos direitos humanos. *Revista de Direito da Cidade*, v. 9, n. 4, 2017, p. 1717-1737. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/rdc.2017.28937>>. Acesso em: 02.02.2023.

- GUNTARS, Ermansons; KIENZLER, Hanna; ASIF, Zara; SCHOFIELD, Peter. Refugee mental health and the role of place in the Global North countries: A scoping review. *Health & Place*, v. 79, 2023, p. 1-20. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1353829223000011>>. Acesso em: 02.02.2023.
- HELENO, Barbara; REINHARD, Rafaella. Migração e mídia: identidade, racismo e intolerância na migração de sírios e haitianos para o Brasil. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, v. 15, n. 22, p. 67-79, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/18966/14816>>. Acesso em: 07.07.2023.
- JUCÁ, Bruna; ARGOLO, Elane; HORTELAN, Michele; GEISLER, Sandonaid. A humanização no atendimento a refugiados em região de fronteira: scoping review. *Ciências da Saúde: desafios e potencialidades em pesquisa*, v. 1, 2022, p. 17-26. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/221010397.pdf>>. Acesso em: 26.01.2023.
- MATTAR, Sandra; GELLATLY, Resham. Refugee mental health: Culturally relevant considerations. *Current Opinion in Psychology*, v. 47, 2022. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352250X22001506>>. Acesso em: 25.01.2023.
- MENEZES, Ana. Syrian refugees in Brazil: Labor Integration in the Absence of Specific Public Policies and the Role of Civil Society Organizations. *Rev. Fac. Dir.*, v. 48, n. 1, p. 113-133, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/50515/29101>>. Acesso em: 10.02.2023.
- MILESI, Rosita; ANDRADE, William. A sociedade civil na atenção aos imigrantes e refugiados – o agir do IMDH. In: PRADO, Erlan; COELHO, Renata (orgs.). *Migrações e trabalho*. Brasília: MPT, 2015, p. 175-202.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Retorno do Brasil ao Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular*. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/retorno-do-brasil-ao-pacto-global-para-migracao-segura-ordenada-e-regular>. Acesso em: 05.02.2023.
- MOREIRA, Mariana. Refugiados e o acesso aos serviços de saúde: uma revisão integrativa da literatura. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/23575>>. Acesso em: 03.02.2023.
- Organização Internacional para as Migrações (OIM). *World Migration Report 2020*. 2019. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf>. Acesso em: 03.02.2023.
- PIERI, Lucas; FISCHER, Marta. A perspectiva social dos brasileiros a respeito dos refugiados e sua inserção nas pautas das cidades inteligentes. *Revista Inclusiones*, n. Especial, v. 9, 2022, p. 115-154. Disponível em: <<https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/3394/3418>>. Acesso em: 27.06.2023.
- PUCCI, Fabio; TRUZZI, Oswaldo. Sírios em São Paulo: trabalho, economia e identidade étnica. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 13, n. 2, p. 137-165, 2020. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/1034/pdf>>. Acesso em: 10.02.2023

- PUCCI, Fabio. Sírios em situação de refúgio em São Paulo: entre a hospitalidade e a intolerância. *Ponto-e-vírgula*, n. 25, p. 57-69, 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/51153/33744>>. Acesso em: 02.02.2023.
- RIBEIRO, Juliana; BAENINGER, Rosana. Migrantes internacionais no Brasil e a ambivalência hospitalidade-hostilidade. In: *Seminário Nacional de Sociologia da UFS*, v. 4, p. 1-25, 2022. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/16997/2/MigrantesBrasilHospitalidadeHostilidade.pdf>>. Acesso em: 10.07.2023.
- RUBIN, Herbert; RUBIN, Irene. *Qualitative Interviewing*. London: Sage, 1995.
- SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília. *Refúgio em Números*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorios_conjunturais/2020/Ref%C3%BAgio_em_N%C3%BAmeros_6%C2%AA_edi%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 03.02.2023.
- SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília. *Refúgio em Números*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2020. Disponível em: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/Ref%C3%BAgio%20em%20n%C3%BAmeros/REF%C3%9AGIO%20EM%20N%C3%9AMEROS.pdf>>. Acesso em: 02.02.2023.
- TAJFEL, Henri. Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, v. 33, n. 1, p. 1-39, 1982. Disponível em: <<https://doi.org/10.1146/annurev.ps.33.020182.000245>>. Acesso em: 02.02.2023.
- TEIXEIRA, Ana; SILVA, Eliana; BALOG, Daniela; SÁ, Bianca. Why is it so hard to belong? The difficulties of refugees in their integration processes within Brazilian society and labor market. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 19, n. 2, 2021, p. 265-277. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cebape/a/cgsJ9pBSDSjn7mQnqW5xpJc/?format=pdf&lang=en>>. Acesso em: 10.02.2023.
- TRIANDAFYLLIDOU, Anna; GHIO, Daniela; McLEMAN, Robert. *Complex Migration Flows and Multiple Drivers: What Do We Know?* Toronto: Working Paper, 2023. Disponível em: <<https://www.torontomu.ca/content/dam/centre-for-immigration-and-settlement/tmcis/publications/workingpapers/2023-05-WP-Triandafyllidou-Ghio-Veronis-McLeman.pdf>>. Acesso em: 05.07.2023.
- TRIANDAFYLLIDOU, Anna; ISAAKYAN, Irina; BAGLIONI, Simone; Labour Market Integration as an Interactive Process. In: ISAAKYAN, Irina; TRIANDAFYLLIDOU, Anna; BAGLIONI, Simone (eds.). *Immigrant and Asylum Seekers Labour Market Integration upon Arrival: NowHereLand A Biographical Perspective*. IMISCOE Research Series, p. 1-28, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/978-3-031-14009-9>>. Acesso em: 05.07.2023.
- UNITED NATIONS SUMMIT FOR REFUGEES AND MIGRANTS. *Global compact for safe, orderly and regular migration*. 2018. Disponível em: <https://refugeesmigrants.un.org/sites/default/files/180711_final_draft_0.pdf>. Acesso em: 20.01.2023.

- VALENTA, Marko; JACOBSEN, Jo; ZUPARI-C-ILJI, Drago; HALILOVICH, Hariz. Syrian Refugee Migration, Transitions in Migrant Statuses and Future Scenarios of Syrian Mobility. *Refugee Survey Quarter*, v. 39, n. 2, p. 153-176, 2020. Disponível em: <<https://academic.oup.com/rsq/article/39/2/153/5843511>>. Acesso em: 01.02.2023.
- VETRANO, Nicola. O papel do Estado e das organizações sociais na preservação dos Direitos Humanos do trabalhador migrante. In: PRADO, Erlan; COELHO, Renata (orgs.). *Migrações e trabalho*. Brasília: MPT, 2015, p. 41-54.
- WENDLING, Andressa; ARNOLD, Vilma; SBEGHEN, Camila; MACEDO, Jaqueline; GIONGO, Carmem. Uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional sobre refugiados. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 44, n. 4, p. 273-293, 2020. Disponível em: <<https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/3153/3034>>. Acesso em: 09.02.2023.
- WORLD BANK GROUP. *The Mobility of Displaced Syrians An Economic and Social Analysis*. Washington: The World Bank, 2020. Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/31205/9781464814013.pdf>>. Acesso em: 01.02.2023.

Sobre as autoras

Gabriela Viol Valle, docente Substituta no Departamento de Vernáculos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e atual mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: gabrielaviol@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9306-1800>.

Mariana Bonomo, docente do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: marianadalbo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3919-3976>.

Julia Alves Brasil, pesquisadora colaboradora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho/Portugal. Doutora em Estudos Culturais pela Universidade do Minho. Mestrado e graduação em Psicologia pela UFES. E-mail: juliaalvesbrasil@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0445-1207>.

Editores do dossiê

Roberto Marinucci, Barbara Marciano Marques